

O FRANCO PALADINO

(Proclamação dirigida à Comunidade Espirita)
ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DO ESPIRITISMO
CODIFICADO PELO MESTRE ALLAN KARDEC
Distribuição gratuita = Tiragem: 200 exemplares
NITERÓI/RJ = ANO V = N° 52 = OUTUBRO DE 2007

ASSIM FALOU ALLAN KARDEC

(Sobre sua iniciação no Espiritismo)

“Foi em 1854 que, pela primeira vez, ouvi falar das mesas girantes, ao encontrar por duas vezes o magnetizador, Sr. Fortier, que eu já conhecia, pois, como eu, freqüentava também a Associação Parisiense de Magnetismo. No primeiro encontro, ele me comunicou que, além das pessoas, as mesas também podem ser magnetizadas. No segundo, ele me declarou que, além de se poder magnetizar as mesas, pode-se também conversar com elas. De imediato, não aceitei o que estava ouvindo do meu amigo, e, falando francamente, como é do meu feitio, respondi: ‘ – Isto agora é outra questão. Só acreditarei quando o vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que pode tornar-se sonâmbula. Enquanto isto não acontecer, permita-me que eu não veja no caso mais do que um conto de fadas, para fazer-nos dormir em pé’.

“Na verdade, eu estava diante de um fato inexplicado, aparentemente contrário às leis da Natureza. Minha razão repelia a idéia de uma mesa *falante*. Ainda não entrara na minha mente essa novidade.

“Em princípios do ano seguinte, 1855, encontrei-me com um velho amigo, o Sr. Carlotti, que me falou daqueles fenômenos, durante cerca de uma hora, com um entusiasmo que me pareceu bastante exagerado. Por isso mesmo, sua exaltação me deixou deveras desconfiado. Não me convenceram as coisas surpreendentes que me contou. Pelo contrário, minhas dúvidas aumentaram ainda mais.

“Meses depois, em maio de 1855, fui à casa da Sra. Roger, que era sonâmbula, em companhia do meu velho amigo, Sr. Fortier, que era seu magnetizador. Em lá chegando, encontrei o Sr. Pâtier e a Sra. Plainemaison. O Sr. Pâtier era um funcionário público, já de certa idade, muito instruído, de caráter grave, frio e calmo. Sua linguagem pausada, isenta de todo e qualquer entusiasmo, produziu em mim uma viva impressão. Por isso, quando me convidou a assistir às experiências que se realizavam em casa da Sra. Plainemaison, aceitei, imediatamente. E lá compareci, na hora marcada para começar a reunião, ou seja, às vinte horas (oito horas da noite) de uma terça-feira do mês de maio de 1855.

“Confesso que foi ali que, pela primeira vez, presenciei o fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam, em condições tais que não deixavam lugar para qualquer dúvida. Assisti também a alguns ensaios, muito imperfeitos, de escrita

mediúnicamente numa ardósia, com o auxílio de uma cesta. Foi então que reconheci que havia ali um fato, que, necessariamente, decorria de uma causa. Na verdade, eu entrevia, naquelas aparentes futilidades, no passatempo que faziam daqueles fenômenos, qualquer coisa de sério, algo como a revelação de uma nova lei. Tomei então a firme decisão de investigar a fundo, para descobrir a verdadeira causa daqueles fenômenos.

“Numa dessas reuniões em casa da Sra. Plainemaison, vim a conhecer o Sr. Baudin, sua esposa e suas filhas e ele me convidou a assistir às sessões quinzenais que realizava em sua residência.

Lá compareci e gostei tanto que passei a ir, freqüentemente, com muita assiduidade mesmo.

“Eram bastante numerosas essas reuniões, pois, além dos freqüentadores habituais, eram admitidas pessoas que solicitassem permissão para comparecer. Os médiuns eram as duas jovens, filhas do Sr. Baudin, Caroline e Julie. Escreviam numa ardósia com o auxílio de uma cesta chamada *carrapeta*.

“Tive então o ensejo de ver comunicações contínuas e respostas a perguntas formuladas, algumas vezes até mentalmente, que acusavam, evidentemente, a intervenção de uma inteligência estranha.

“Apareceu depois outra menina, também médium, Srta. Ruth Celine Japhet, filha do Sr. Japhet.

“Eram geralmente frívolos os assuntos ali tratados, coisas que nada tinham de sério, e o Espírito que, geralmente, se manifestava, identificava-se com o nome de **Zéfiro**. Tratava-se de um Espírito muito bom, que se dizia protetor da família Baudin, e, se por um lado, com freqüência fazia rir, por outro lado, sabia também, quando preciso fosse, dar conselhos ponderados.

“Relacionei-me de pronto com esse Espírito e ele me ofereceu constantes provas de grande simpatia. Reconheço, inclusive, que, depois, veio a auxiliar-me bastante nos meus trabalhos.

“Em resumo, devo afirmar que foi aí, nessas reuniões, que comecei meus estudos sérios de Espiritismo.

“Em minhas observações constantes, apliquei o método experimental. Nunca elaborei teorias preconcebidas; observava, cuidadosamente, os fatos, fazia comparações, deduzia conseqüências; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo nunca por válida uma explicação, senão quando resolvia todas as dificuldades da questão. Foi assim que procedi sempre em meus trabalhos anteriores, desde os meus 15 anos, ... (Continua na pág. 2)

(Continuação da pág. 1)

portanto, em minha adolescência. Mas compreendi, antes de tudo, a gravidade da explicação que ia empreender. Percebi desde logo, que, naqueles fenômenos, estava a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da Humanidade, a solução do problema que eu procurava em toda a minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas idéias e nas crenças. Fazia-se mister, portanto, agir com a maior circunspeção e não levemente. Era preciso ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir.

“Um dos primeiros resultados que colhi das minhas observações foi este: nada mais sendo os Espíritos do que as almas dos homens, não possuíam nem a plena sabedoria, nem a ciência integral. O saber de que dispunham se circunscrevia ao grau de adiantamento que haviam alcançado. Logicamente, a opinião deles só tinha o valor de uma opinião pessoal. Esta era uma verdade que eu reconhecia e que me preservou do grave erro de acreditar na infalibilidade dos Espíritos; ao mesmo tempo, me impediu de formular teorias prematuras, tomando por base o que foi dito por um ou alguns deles.

“Para mim, os Espíritos foram meios de informação e não **reveladores predestinados**.

“Pensando assim foi que empreendi meus estudos e neles prossegui sempre. Observar, comparar, julgar. Esta foi a regra que sempre segui.

“Tentei obter lá, naquelas sessões, a resolução dos problemas que me interessavam, do ponto de vista da Filosofia, da Psicologia e da natureza do mundo invisível. Assim, levava para cada sessão uma série de questões preparadas e metodicamente dispostas. E elas eram sempre respondidas com precisão, profundidade e lógica.

“Eu, a princípio, cuidara apenas de instruir-me; depois, quando vi que aquilo constituía um todo e ganhava as proporções de uma doutrina, tive a idéia de publicar os ensinamentos recebidos, para instrução de toda a gente. Sim, porque foram aquelas mesmas questões que, sucessivamente desenvolvidas e completadas, constituíram a base do meu primeiro livro. Antes, porém, de o lançar ao público, tive o cuidado de submetê-lo ao exame de outros Espíritos, com o auxílio de diferentes médiuns, além daqueles que se manifestavam nas casas do Sr. Baudin e do Sr. Japhet. Por isso, a partir de 1856, passei a freqüentar também as que se realizavam na casa do Sr. Roustan, onde outros médiuns se apresentavam.

“Por recomendação dos próprios Espíritos que aí se manifestavam, tendo-me as circunstâncias posto em relação com outros médiuns, sempre que se apresentava uma ocasião propícia, eu a aproveitava para propor algumas questões que me pareciam mais espinhosas.

“Foi assim que mais de dez médiuns prestaram concurso a esse meu trabalho. Da comparação e da fusão de todas as respostas, coordenadas, classificadas, e, muitas vezes remodeladas no silêncio da meditação, foi que elaborei a primeira edição de **O LIVRO DOS ESPÍRITOS**, que foi lançado ao público no dia 18 de abril de 1857.

“Foi numa das muitas sessões realizadas em casa do Sr. Baudin, realizada em 25 de março de 1856, que vim a saber quem era o meu Guia Espiritual: o Espírito de Verdade, que, como me prometeu, passou, desde então, a se manifestar mensalmente...”

(Fonte: “Obras Póstumas”, segunda parte)

NOSSO COMENTÁRIO

Foi assim que se deu a iniciação no Espiritismo do Prof. Denizard Hippolyte Léon Rivail, como foi registrado no Tribunal de Registro de Pessoas Físicas (Cartório do Império Napoleônico, na época) nascido em 3 de outubro de 1804, ou Hippolyte Léon Denizard Rivail, como foi batizado no dia 15 de junho de 1805 na Igreja de Saint-Denis de La Croix Rousse.

Temos que reconhecer em Allan Kardec a personalidade de um professor emérito e de um grande cientista, não resta nenhuma dúvida.

INICIAÇÃO DE JOÃO BATISTA ROUSTAING NO ESPIRITISMO.

“No mês de janeiro de 1858 fui acometido de uma enfermidade tão prolongada quão dolorosa, proveniente de uma vida já longa de estudos, de canseiras e de labor, passada a princípio em Tolosa, de 1823 a 1826, onde, enquanto fazia o Curso de Direito, dedicava-me também ao ensino das letras e das ciências; depois, em Paris, de 1826 a 1829, onde me dediquei à prática da advocacia; finalmente, em Bordéus, minha terra natal.

“Em janeiro de 1861, completamente restabelecido, cuidei de voltar ao exercício da minha amada profissão de advogado...”

“(Nessa época) nenhuma fé definida eu tinha, mas, com minha vida inteira irresistivelmente presa à pesquisa da verdade, deliberei informar-me, cientificamente, pelo estudo, pelo exame, pela observação e pela experimentação, o que haveria de possível, de verdadeiro ou de falso nessa comunicação do mundo espiritual com o mundo corpóreo, nessa doutrina e ciência espíritas.

“(Por sugestão de um senhor, adepto do Espiritismo) li **O LIVRO DOS ESPÍRITOS** de Allan Kardec e encontrei ali uma moral pura, uma doutrina racional, de harmonia com o espírito e o progresso dos tempos modernos, consoladora para a razão humana. Encontrei a explicação lógica e transcendente da lei divina ou natural, das leis de adoração, do trabalho, da reprodução, da destruição, de sociedade, de progresso, de igualdade, liberdade, de justiça, de amor e de caridade, do aperfeiçoamento moral, dos sofrimentos e dos gozos futuros. Encontrei explicações judiciosas acerca da alma no estado de encarnação e no estado de liberdade (...) a explicação racional da pluralidade dos mundos e de suas hierarquias...”

“Li, em seguida **O LIVRO DOS MÉDIUNS** de Allan Kardec e nele se me deparou uma explicação racional da possibilidade das comunicações do mundo corpóreo com o mundo espiritual (...) as vantagens e os inconvenientes da mediunidade, dos escolhos e perigos a evitar e dos caminhos a seguir para praticá-la...” (Continúa na pág. 3)

(Continuação da pág. 2)

NOSSO COMENTÁRIO

Esses dados foram extraídos do Prefácio da obra “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing, 6ª edição da FEB, lançada em abril de 1983.

Por aí se vê que Roustaing, em 1861, era um mero discípulo de Allan Kardec, pois, foi, lendo as duas primeiras obras básicas do grande missionário lionês, que se deu sua iniciação no Espiritismo. E ele se vangloriava disto, pois em carta dirigida ao Codificador, tratou-o, logo no início, como: “Meu caro senhor e muito honrado chefe Espírita”, e, no final, fez questão de declarar: “ – Eu me honro de ser altamente e publicamente Espírita”. (Ver “Revista Espírita” de junho de 1861 – EDICEL – pág. 182).

Logo depois de sua iniciação, passou a dar aulas de Espiritismo, pois, um de seus alunos, o Dr. Bouché de Vitray, ao fazer uma saudação a Kardec, no dia 14 de outubro de 1861, durante a reunião geral dos espíritas de Bordéus, fez questão de se referir a ele, dizendo: “ – Hoje o reconhecimento me obriga a inscrever, nesta página, o nome de um dos meus bons amigos, que me abriu os olhos à luz, o do Sr. Roustaing, distinto advogado...” (Fonte: “Revista Espírita”, novembro/1861 – EDICEL, pág. 352)

COMO SURTIU A OBRA DE ROUSTAING

“Em dezembro de 1861”, - prossegue ele – “foi-me sugerido ir à casa de Mme. Collignon, que eu não tinha a satisfação de conhecer, e a quem devia ser apresentado para apreciar um grande quadro mediunicamente desenhado (...) Lá fui. Oito dias depois voltei à casa de Mme. Collignon, com o intuito de lhe agradecer o acolhimento que me dispensara antes (...) No momento em que me preparava para sair, Mme. Collignon sentiu na mão a impressão e agitação fluídicas, indicadoras da presença de um Espírito desejoso de se manifestar. (Ela ficou na dúvida, sem saber se deveria escrever ou não). A instâncias minhas, condescendeu em se prestar à manifestação mediúnica. Então, no mesmo instante, sua mão, fluidicamente dirigida, pôs-se a escrever uma mensagem que foi assinada pelos Espíritos dos Evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, que estavam ali assistidos pelos Apóstolos ...”

O objetivo desses Espíritos era incitar Roustaing a empreender a explicação dos Evangelhos de Jesus, a qual deveria dar o nome de **Revelação da Revelação**. E, ao concluir, declararam: “ – Quando todos os materiais (que chegarem às suas mãos) estiverem reunidos, (...) sereis por nós prevenidos de que é chegada a hora de sua publicação em forma de livro”. Envaidecido por ter sido escolhido, Roustaing “meteu ombro à tarefa”.

Assim, em maio de 1865, todos os materiais que lhe chegaram às mãos, vindos de Mme. Collignon, estavam preparados. Foi então que ele resolveu publicar a obra, que tomou o título de “Os Quatro Evangelhos”. (Fonte: Prefácio da “Revelação da Revelação” ou “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing)

NOSSO COMENTÁRIO

João Batista Roustaing que, como se viu, até meados de 1861 se honrava de ser espírita e chegou a

manter correspondência fraterna com o Mestre lionês, a partir de 1º de julho, entretanto, mudou, completamente, de atitude. É que, como ele próprio declarou, foi “mediunicamente prevenido da época em que poderia e deveria publicar comunicações” que uma médium estava recebendo e que lhe seriam entregues, posteriormente, quando entrasse em contato com ela, o que se deu no final do ano. Tratava-se de Mme. Émillie Collignon.

A partir de então, deixou de manter relacionamento epistolar com seu “honrado chefe Espírita”, e fez mesmo questão de não participar das homenagens que lhe foram prestadas, quando Allan Kardec, a convite do Sr. A. Sabo, presidente do mesmo centro espírita que ele, Roustaing, freqüentava, esteve em Bordéus para participar da inauguração da Sociedade Bordelense de Estudos Espíritas. Comportamento bastante estranho e contraditório, já que, em sua última carta ao Mestre havia lamentado não poder ir a Paris para “conhecê-lo, pessoalmente e fraternalmente lhe apertar a mão”, o que não era possível fazer por motivo de saúde, pois estava convalescendo de uma doença grave e prolongada. (Carta de junho de 1861 – Edicel, pág. 182)

A verdade é que fez tudo à revelia de Allan Kardec. Não lhe contou nada em relação às comunicações que vinha recebendo em casa, como também nada lhe disse sobre seu encontro com Mme. Collignon e a mensagem que esta recebeu “a instâncias suas”, quando se despedia da médium. E, à medida que os anos foram se passando, Roustaing continuava, trabalhando sozinho, sem dar a mínima satisfação ao Mestre e seu “honrado chefe espírita”. Que grande auxiliar foi esse, que, segundo declarou o Espírito de Humberto de Campos, pela psicografia de Chico, tinha vindo para “coadjuvar” o Codificador! Sim, que grande auxiliar foi Roustaing!...

Allan Kardec só veio a tomar conhecimento do trabalho de Roustaing, quando este, em meados de 1866, ou seja, em junho desse ano, lhe enviou a obra “Os Quatro Evangelhos”, ou “Revelação da Revelação”, que acabara de publicar.

Kardec leu, encontrou alguma coisa boa nas explicações dadas pelos Espíritos que se comunicaram através da mediunidade de Mme. Collignon, mas, no seu conjunto, não gostou nada, considerando-as “opiniões pessoais” dos Espíritos que as formularam. Deveriam, pois, “passar pela sanção do controle universal”. Por isso mesmo, “até mais ampla confirmação, **não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita**”. (Ver “Revista Espírita” de junho de 1866 – Edicel, pág. 180).

Dois anos depois, ao publicar sua última obra “A Gênese”, sob a assistência do Espírito de Verdade, seu Guia Espiritual, deu um golpe final no roustainguismo. Este só não desapareceu completamente, porque, aqui, no Brasil, um grupo de carolas, conhecidos como “os pioneiros do Espiritismo” o trouxeram para o Brasil, e fundaram isto que aí está há mais de cem anos: a Federação Espírita (Roustanguista) Brasileira e seu Conselho Federativo Nacional, conivente com ela.

A INICIAÇÃO DE CHICO XAVIER NO ESPIRITISMO

Vimos como foi a iniciação de Allan Kardec no Espiritismo. Em seguida, vimos como foi a de J. B. Roustaing, que um “imortal da Academia de Letras”, com o aval do jesuíta padre Manoel da Nóbrega (leia-se Emmanuel) declarou, erradamente, ter sido “auxiliar” do Codificador. Vamos ver agora como foi a de Francisco Cândido Xavier, o Chico, esse mesmo que os modernos “Doutores da Lei” teimam em afirmar que “foi a reencarnação de Allan Kardec”. E tudo que vamos transcrever aqui se encontra na biografia do médium de Pedro Leopoldo, escrita por Marcel Souto Maior, que virou um verdadeiro “best-seller” e se encontra à venda em todas as livrarias, espíritas ou não.

Francisco Cândido Xavier, em criança, era tido por seus familiares, a começar pelo pai, como um louco, porque tinha alucinações. Sua madrinha, Rita de Cássia, dizia mesmo que ele era um “moleque que tinha o diabo no corpo”. Por isso mesmo vivia batendo nele e fazendo muitas maldades. Nem mesmo o padre Sebastião Scarzello, a quem sua família, muito católica, recorreu, conseguiu fazer do Chico um garoto “normal”, apesar dos inúmeros castigos a que submetia o menino: acompanhar procissões carregando na cabeça pedra de quinze quilos e repetir mil vezes a ave-maria. Pobre do Chiquinho! Até lamber uma ferida na perna esquerda de seu primo Moacir, por ordem de uma benzedeira, ele teve que fazer, durante três sextas-feiras seguidas, pela manhã e em jejum! Que desgraça! Mas, indefeso que era, pois nem seu Espírito Protetor fazia coisa alguma para livrá-lo daquele martírio, não lhe restava nada a fazer do que ir à igreja, comungar, confessar, assistir à missa, acompanhar procissões.

Certa vez, porém, Chico pôde assistir de perto à cura de uma de suas irmãs, obsedada, através de passes e rezas que eram ministrados por um casal de espíritas, amigos da família: Sr. José Hermínio Perácio e sua mulher, dona Carmem. “Chico acompanhou o ritual e participou, assim, de sua primeira experiência no espiritismo”. Nesse mesmo dia recebeu de José Hermínio explicações sobre os fantasmas que o cercavam desde menino, e, ao mesmo tempo, veio a tomar conhecimento do “Evangelho segundo o Espiritismo” e do “Livro dos Espíritos” de Allan Kardec. Passou então a conhecer uma “palavra-chave: mediunidade”.

Que fez então o Chico (“Allan Kardec reencarnado”, na opinião dos modernos “Doutores da Lei”)? Quem nos informa é seu biógrafo: “Voltou à igreja, para se despedir de seu confessor, o padre Sebastião Scarzello. Ajoelhou-se diante do sacerdote, beijou-lhe a mão e lhe contou tudo que tinha acontecido com sua irmã, curada de uma obsessão, e com ele, esclarecido sobre a prática da mediunidade, a que pretendia se dedicar dali em diante”.

É claro que o padre não gostou nada do que ouviu da boca do Chico, mas, - que fazer?! - era sua vontade dedicar-se à mediunidade! Estendeu então sua mão direita, e, a pedido do Chico, que fazia questão de sua bênção, declarou, persignando-se: “ -

Seja feliz, meu filho. Rogarei à Mãe Santíssima para que te abençoe e proteja.

Isso se deu em princípios de maio de 1927. Em 21 de junho, o irmão do Chico fundou um centro espírita em sua casa, assumindo sua presidência, ficando o médium como secretário

Foi no Centro Espírita “Luiz Gonzaga” que o Chico teve a notícia de sua missão: “uma chuva de livros caiu sobre sua cabeça”. Simbolicamente, significava que ele tinha que publicar muitos livros, sim, centenas.

Foi em 1931 que o Chico veio a saber quem era seu Guia e Protetor Espiritual, o Espírito do Padre Manoel da Nóbrega, que se lhe apresentou com uma “cruz luminosa” na mão e “vestindo uma túnica típica dos sacerdotes”. Identificou-se com o pseudônimo de Emmanuel, dizendo que, dali em diante, Chico tinha que ser muito disciplinado e produzir muitas obras mediúnicas: “uns trinta livros para começar sua atividade psicográfica”.

PRIMEIRO LIVRO DO CHICO

Vários Espíritos de poetas famosos se manifestaram, ditando ao médium seus poemas.

Esses poemas foram enfeixados numa obra intitulada “PARNASO DE ALÉM-TÚMULO”, publicada pela Federação Espírita (Roustainguista) Brasileira, à qual “Chico reverteu todos os direitos autorais”, contribuindo assim para que ela se tornasse economicamente sólida, grandiosa e poderosa.

Foi assim que apareceu o primeiro livro psicografado por Chico; sim, o primeiro de uma série de cerca de quinhentos.

NOSSO COMENTÁRIO

Em 1854, Allan Kardec já era um homem feito, pois tinha cinquenta anos de idade, quando tomou conhecimento dos fenômenos das mesas que giravam e falavam. Observou-os cientificamente, colhendo dados importantes que serviram de base para a publicação do seu primeiro livro o que deu início à sua iniciação no Espiritismo. Mas, ao contrário do Chico, ele não correu para nenhuma igreja, a fim de comunicar ao padre o que havia descoberto, nem, muito menos, pedir sua bênção. Continuou seu trabalho missionário, agindo como um verdadeiro cientista.

Foi assim que produziu sua primeira obra: “**O LIVRO DOS ESPÍRITOS**”, que contém: as questões por ele levantadas, as respostas dadas pelos Espíritos, as notas de rodapé e seus comentários e o pseudônimo, que passou a usar a partir de então.

Já o Chico, ao lançar sua primeira produção mediúnica, “PARNASO DE ALÉM-TÚMULO”, tinha plena consciência de que não era ele o autor. Ele próprio teve a humildade de confessar: “ - Recebi elogios por um trabalho que não me pertence.” e “O livro não é meu. É dos Espíritos”. (Marcel Souto Maior, obra citada, págs. 36 e46)

Na verdade, o que o Chico produziu, como médium, foram poemas ditados pelos Espíritos e psicografados por ele. Razão tinha, portanto, um jornalista do “Diário Carioca”, ao publicar, no dia 10 de julho de 1932, um artigo em que se manifesta sobre os poemas encontrados em “Parnaso de Além-Túmulo” a que deu o título de “Poetas do Outro Mundo”.

Esse jornalista era um escritor e poeta muito conhecido e admirado por ... (Continua na pág.5)

(Continuação da pág. 4)

suas obras e por ser membro da Academia Brasileira de Letras. Seu nome: Humberto de Campos. Sim, o mesmo escritor e poeta que, ao desencarnar, ditou ao Chico uma obra ridícula, intitulada “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, uma verdadeira “moxinifada”, como disse certa vez um confrade ilustre.

BIA CONCEIÇÃO E SEU COMENTÁRIO

A respeito da entrevista dada pelo Dr. Weimar Munis de Oliveira que afirma ter sido o Chico a reencarnação de Allan Kardec, a ilustre redatora da gazeta da ANESPB “PENSADOR”, edição de setembro de 2007 em seu comentário se refere à minha modesta pessoa, dizendo: “ – *Quem não gostou das declarações do magistrado goiano foi o inquieto professor, pesquisador e escritor Erasto de Carvalho Prestes, de Niterói/RJ, editor do boletim informativo “O FRANCO PALADINO”, que também engrossa o caldo dessa polêmica, assegurando que o verdadeiro Kardec reencarnado foi ‘seu pai, Severino de Freitas Prestes Filho’.*

“Não é de hoje que Prestes sustenta essa controversa identificação espiritual entre o Codificador e seu pai, sem, contudo, provar, científica e espiritualmente, tal fato”.

NOSSO COMENTÁRIO

Realmente, tem toda a razão a ilustre articulista. Desde 1979, quando lancei meu primeiro livro intitulado “EU CONHECI ALLAN KARDEC REENCARNADO”, sem declarar, abertamente, que foi meu pai, venho repetindo isto, de maneira explícita, desde 1989, quando um jornal espírita de Santos lançou ao público esta minha afirmação. E é hoje, com mais convicção ainda que, volto a dizer: “- Eu conheci Allan Kardec reencarnado”. E desafio todos os verdadeiros espíritas que são os “kardecistas”, leais e honestos discípulos do grande Missionário lionês para que, pela evocação, preconizada por ele no cap. XXV de “O Livro dos Médiuns” me provem, cientificamente, que estou redondamente enganado. Mas, por favor, não me venham com “achismos”. Façam somente o que deve fazer um cientista espírita, já que o Espiritismo é uma Ciência: EVOQUEM O ESPÍRITO DE ALLAN KARDEC”.

Devo esclarecer os queridos leitores que me custou muito chegar a essa convicção plena, porque meu pai, sempre muito reservado, muito circunspeto, jamais declarou, de viva voz que era a reencarnação de Kardec, nem mesmo quando, em setembro de 1970, eu lhe declarei por escrito: “- Meu pai, não precisa fazer mais mistério, porque já tenho certeza de que você é mesmo a reencarnação de Allan Kardec”. Fiz isto de propósito, pois era minha intenção forçá-lo a dizer alguma coisa. Mas, não consegui, pois ele nada declarou, nem pró nem contra o que afirmei. E foi essa sua atitude de silêncio, que permaneceu até sua desencarnação em 17 de janeiro de 1979, que me deu plena convicção de que eu estava certo, pois, como diz o ditado popular: “Quem cala consente”.

A essa altura dos acontecimentos, eu já havia feito um estudo comparativo entre as duas personalidades: Allan Kardec e Severino Prestes Filho. E agi assim de modo científico, porque a pesquisa, a observação, a dedução, a comparação, fazem parte do método científico de trabalho. Foi assim que agiram sempre os grandes cientistas, inclusive Kardec.

Mas, vejam bem, caros leitores, ao contrário do magistrado de Goiânia, eu não considero esta uma questão fechada. Também não farei jamais como esse médium de Uberaba, que chegou ao cúmulo de escrever uma obra, afirmando, categoricamente, que o Chico foi a reencarnação de Allan Kardec. Ficarei no meu cantinho, aguardando o resultado da pesquisa que fizerem, evocando o Espírito de Codificador. Sim, porque o que não falta aqui no Brasil são espíritas sérios, competentes, bem intencionados, como também médiuns bem desenvolvidos de acordo com os preceitos de “O Livro dos Médiuns” ou “Guia dos Evocadores”.

No íntimo, porém, confesso que tenho as minhas dúvidas sobre se será ou não feita a evocação do Espírito do Mestre lionês. Sim, porque, o padre Manoel da Nóbrega (Emmanuel), não aconselhou essa prática científica, e é ele quem manda no movimento espírita brasileiro há quase cem anos. Também o Chico, contrariando Allan Kardec, também não a aprovou.

Portanto, no meu “Estudo Comparativo”, que, em fins de 2006, distribuí a vários confrades e instituições espíritas, tenho certeza de que agi, cientificamente, procurando provar por a mais b o que venho afirmando há anos, ao contrário do que afirmou a ilustre articulista. Da mesma forma, a biografia de meu querido e saudoso pai, que lancei pela Editora do Centro Espírita Léon Denis, em novembro de 2004, acho que é uma prova espiritual concreta da personalidade objeto desta discussão.

PARECER DE ZÊUS WANTUIL E FRANCISCO THIESEN

No vol. III da “Biografia de Allan Kardec”, 1ª edição, seus autores, Zêus Wantuil e Francisco Thiesen (já desencarnado), lançam, no cap. 2, ítem 3, a seguinte pergunta: “- Uma nova encarnação do mestre?” E eles próprios respondem, dizendo, categoricamente: “- *Nosso pensamento é que ele não reencarnou*”. Mas, agindo como quem duvida do que afirma, acrescentam, fazendo a seguinte suposição: “- Se ocorreu o seu renascimento, *só mais tarde dará sinais da nova Missão*”.

Lançam, em seguida, uma série de perguntas que vamos repetir na íntegra: 1) Seriam reconhecidos os seus sinais? 2) Ele repetiria a si mesmo? 3) Na hipótese de trazer-nos uma contribuição substancial, como complementação doutrinária à Codificação, não seria tachado de mistificador, impostor, ou obsidiado? 4) Quem o aceitaria? 5) Quem admitiria uma contribuição desse tipo, de chofre, quer dizer, mediante um ou alguns livros para serem acrescentados ao Pentateuco kardequiano? 6) Ou de modificações do que neste se encontra? 7) É por isso que o continuador de Kardec não pode ser senão um *ser coletivo...*” (pág. 95) (Continua na pág. 6)

(Continuação da pág. 5)

NOSSO PARECER

Analisando-se bem a situação do mundo espírita brasileiro, desde janeiro de 1884, quando foi instalada a Federação Espírita (Roustainguista) Brasileira, fica evidente que não havia aqui clima favorável para o aparecimento de Allan Kardec reencarnado, porque: 1º) Os dirigentes da "Casa Mater" deixaram bem claro que não admitiriam jamais este fato; 2º) Por sua vez, fariam tudo para que ninguém o admitisse também; 3º) Nem havia muito o que fazer para que não acreditassem nele, porque, na opinião dos dirigentes da FEB, Kardec reencarnado não seria uma pessoa física, e, sim, um "ser coletivo", ou melhor, uma pessoa jurídica, ou seja, a própria Federação Espírita (Roustainguista) Brasileira.

Por outro lado, admitindo-se a reencarnação de Allan Kardec, conforme anunciou o Espírito de Verdade, é claro que seus sinais seriam reconhecidos, não pelos roustainguistas, é lógico, que jamais o admitiriam, mas por espíritas que, reencarnados também, viriam para ajudá-lo no desempenho de sua nova missão, embora muitos nem soubessem de quem se tratava. Por isso acho mesmo que acertaram os dirigentes roustainguistas febeanos, quando afirmaram: " - Só mais tarde, dará sinais da nova Missão". Só que não precisaram quando isso iria acontecer.

É claro que, se o mestre lionês se apresentasse diante dos dirigentes supremos da FEB roustainguista, dizendo convicto: " - Eu sou Allan Kardec reencarnado, conforme anunciou o Espírito de Verdade", seria na mesma hora rechaçado, "tachado de louco, de obsidiado, de impostor". O mesmo aconteceria também com o Espírito de Jesus, reencarnado num outro corpo humano, de carne e osso, não um corpo fluídico apenas, ao apresentar-se ao Papa no Vaticano, dizendo: " - Eu sou Jesus de Nazaré. Voltei ao mundo, para lembrar aos homens que meu reino não é este que vocês fundaram na Terra com a ajuda dos céssares romanos".

Agora, admitir-se que Allan Kardec, reencarnado, repetiria tudo que fez, no séc. XIX, na França, como Codificador do Espiritismo e criador de uma nova Ciência, a Ciência Espírita, é um absurdo tão grande que só cabe mesmo na mente de pessoas tacanhas. Nem merece qualquer comentário de tão ridículo que é!

Mas, na verdade, não ficaram nisso os dirigentes da FEB. Foram mais longe em sua argumentação, acrescentando: "1º) Kardec pode ter reencarnado, não para ser seu continuador, mas para novas tarefas de grande magnitude, de interesse do Programa Crístico, até mesmo fora da área espírita; 2º) Mas nesse caso, seria escorraçado com veemência pelos seus próprios "admiradores" e "discípulos", como aconteceu com muitos Espíritos da época de Jesus, que reencarnaram posteriormente; 3º) De acordo com tão amplo contexto geral, Kardec pode vir e virá, mas, poderá não ser espírita, ou não ser *famoso* e *admirado* como proficiente da nossa Doutrina, da Doutrina *dele*; 4º) Nem por isso estará fugindo ao cumprimento de relevantíssimas tarefas em benefício da regeneração da Humanidade inteira".

Esta é muito boa! Admitir-se que Allan Kardec, reencarnado, poderia não ser espírita! Quá! Quá! Quá!...", só rindo mesmo!

Agora, admitir-se que Allan Kardec, reencarnado, "poderia não ser famoso", nem "admirado como proficiente da Doutrina Espírita, da Doutrina *dele*", isto é possível. Sim, porque, quem conhece a vida do grande Missionário lionês, sabe muito bem que ele jamais correu atrás da fama, nem nunca se preocupou em ser admirado como proficiente da Doutrina ou seu fundador, pois sempre declarou que a Doutrina era dos Espíritos Superiores e não dele. A fama surgiu em decorrência do seu enorme

trabalho, primeiro como professor, segundo como Codificador.

Da mesma forma se pode falar quanto à admiração que tinham por ele. Sim, todos o admiravam muito, inclusive J. B. Roustaing, que, em carta a ele dirigida, em junho de 1861, o tratou como "honrado chefe espírita". Entretanto, ao lançar, à revelia de Kardec, "Os Quatro Evangelhos", em maio de 1866, se transformou em um novo Judas e criou assim o primeiro grande cisma dentro do Espiritismo.

Na minha modesta opinião, e, baseando-me, é claro, no anúncio feito pelo Espírito de Verdade, em junho de 1860, Allan Kardec reencarnou, sim, para prosseguir seus estudos e suas observações. Desta vez não mais na França, e, sim, no Brasil, onde, desde o período colonial, se pratica o sincretismo religioso ou culto afro-brasileiro, que o Presidente da FEB, Sr. Wantuil de Freitas, classificou como sendo "Espiritismo, mas não Doutrina Espírita". E, - o que é pior -, contou com o aval do padre Manoel da Nóbrega - leia-se Emmanuel - e do próprio Chico, conforme está no "Reformador" de julho de 1953. E isto foi tão vergonhoso e antidoutrinário que chegou a merecer mesmo severas críticas de José Herculano Pires, o "Apóstolo de Kardec", como bem o definiu Jorge Rizzini. E, diga-se de passagem, a bem da verdade e da justiça, meu querido e saudoso pai e mestre, Severino de Freitas Prestes Filho, também ficou muito indignado, quando leu esse artigo, inserido nesse órgão de imprensa da FEB (Roustainguista).

SEVERINO DE FREITAS PRESTES FILHO

(Dados biográficos)

Segundo cálculo feito pelo próprio Codificador do Espiritismo, tomando por base o anúncio feito pelo Espírito de Verdade, sua volta ao planeta, em outro corpo físico, se daria no final do séc. XIX.

Meu pai nasceu em 1º de fevereiro de 1890, portanto, vinte e um anos após a desencarnação de Allan Kardec, cujo pai, Jean Baptiste Antoine Rivail, era homem de leis (Advogado), como o de meu pai, Severino de Freitas Prestes, também era.

Meu pai, que morava com a avó, a mãe e os irmãos em Novo Hamburgo/RS, criança ainda, foi levado para a cidade vizinha de São Leopoldo/RS, onde foi internado num Colégio religioso católico fundado e administrado pelos padres jesuítas alemães prussianos. Allan Kardec, também criança ainda, foi levado para Yverdon, na Suíça. Ambos fizeram, portanto, o curso de Humanidades (antigo ginásial), afastados, bem cedo, dos seus entes familiares. (Continua na pág. 7)

(Continuação da pág. 6)

Meu pai, quando aluno do Ginásio Na. Sa. da Conceição, da Ordem dos Jesuítas, dava explicações aos colegas de turma, que não haviam apreendido bem as lições do dia. Fez também o mesmo, mais tarde, quando aluno da Escola Militar de Porto Alegre. Na verdade, sua vocação era para o magistério. Só seguiu a carreira militar, para atender à vontade de seu pai, expressa em carta testamento. Allan Kardec também, quando aluno interno em Yverdun, ajudou muito seus coleguinhas de classe

Meu pai, desde cedo se interessou pelo estudo e pela prática do Magnetismo animal ou mesmerismo. Durante anos foi um excelente magnetizador. Fazia experiências notáveis, usando como "sujets" pessoas da família, parentes e amigos, que se ofereciam como voluntários. Allan Kardec também foi magnetizador, e, como seu companheiro, Sr. Fortier, freqüentava a Sociedade Parisiense de Magnetismo.

Meu pai, ao tomar conhecimento do papel histórico brilhante desempenhado pelos maçons na França e no Brasil, filiou-se à Maçonaria, tendo sido admitido na Loja Maçônica "Vigilância" de Niterói. Allan Kardec, segundo nos informa seu biógrafo, André Moreil, "encontrou afinidades com a Maçonaria", mas, não se sabe ao certo em que Loja Maçônica foi iniciado como maçom.

Meu pai era um poliglota. Sabia falar e ler muito bem o francês, o alemão, o italiano, o espanhol e o inglês. Allan Kardec, além do francês, sua língua pátria, conhecia outros idiomas: o alemão, o inglês, o italiano e o espanhol. Era, inclusive, um excelente tradutor.

Meu pai gostava muito de música clássica e canções populares. Sempre que podia, ia ao teatro lírico. Por sua vez, "era de se notar o profundo amor de Allan Kardec pela música", disse seu biógrafo André Moreil.

Meu pai poderia ter alcançado altos postos da administração pública. Mas nunca teve a intenção de se colocar em evidência. Foram as circunstâncias de sua vida de militar que o levaram a exercer cargos de projeção na sociedade. Também no meio espírita, jamais se apresentou como candidato a cargos de Diretoria de instituições espíritas. Allan Kardec também jamais quis se colocar em evidência. Destacou-se contudo como Professor e Codificador do Espiritismo, tendo mesmo ocupado o cargo de Presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, por ele fundada.

"... custou-me mais de um ano de trabalho, para ficar, eu mesmo, convencido da verdade do Espiritismo..." disse Kardec. Meu pai, devido à sua formação positivista, custou muito também a aceitar a revelação espírita.

O Guia Espiritual de Allan Kardec foi o Espírito de Erasto. O "Guia bem amado" de meu pai também foi o Espírito de Erasto, Discípulo de Paulo

Allan Kardec foi ótimo orador e usou da palavra não só nas reuniões realizadas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas como também nas viagens que fez de propaganda da Doutrina Espírita,

visitando várias cidades da França. (Ver "REVISTA ESPÍRITA" e o livro "VIAGEM ESPÍRITA EM 1862").

Meu pai, quando cadete da Escola Militar de Porto Alegre, destacou-se logo como grande orador. Depois, como Oficial, era sempre designado por seus superiores hierárquicos para representá-los em várias cerimônias, onde falava em nome deles. Como maçom, teve oportunidade de falar em várias reuniões da Loja Maçônica que freqüentava. Após sua conversão ao Espiritismo fez várias palestras e conferências, em vários centros espíritas das cidades onde serviu como Oficial do Exército.

Allan Kardec leu "Os Quatro Evangelhos" de J.-B. Rostaing e não gostou, pois achou-o antidoutrinário, como deixou bem claro na REVISTA ESPÍRITA de junho de 1866 e no livro "A GÊNESE" de 1868. Meu pai, ao ler essa obra que ficou também registrada como "Revelação da Revelação", não gostou, por considerá-la antidoutrinária. E este foi o principal motivo que fez com que ele não procurasse os dirigentes da FEB, por saber que eram roustanguistas. Só ia à Livraria da chamada "Casa Mater", para adquirir o "Reformador" e comprar obras espíritas. Mas, coerente com sua formação de militar, positivista a princípio, e depois, espírita, nunca se revoltou contra ela, pois via na FEB, embora roustanguista, uma espécie de Quartel General. Todavia, em nossas conversas em família, sempre deixou bem claro sua posição contra o roustanguismo que a FEB defende.

Allan Kardec soube enfrentar com serenidade o momento de sua desencarnação, em 31 de março de 1869, pois, como espírita convicto, tinha plena certeza de que a verdadeira vida era a do Espírito e não a do corpo humano. Meu pai, ao desencarnar, em 17 de janeiro de 1979, soube também enfrentar com serenidade o momento supremo de sua existência terrena, pois também tinha a mesma convicção do mestre lionês...

Belos exemplos de vida e de morte deram ambos!...

Prezados leitores, aguardem a segunda edição, melhorada e ampliada, do livro "SEVERINO DE FREITAS PRESTES FILHO, MEU PAI, MEU MESTRE", de nossa autoria, que lançaremos em breve, com novos documentos importantes.

Façam, desde já, suas reservas, porque, como a primeira edição, esta será também financiada por nós, com nossos próprios recursos, e não pela FEB roustanguista, como os livros de Emmanuel, André Luiz e Humberto de Campos, psicografados pelo Chico. Serão, novamente, apenas quinhentos exemplares. Não mais do que isto...

VIVA O ESPÍRITO DE VERDADE !

VIVA O ESPÍRITO DE ERASTO !

VIVA ALLAN KARDEC !

VIVA SEVERINO DE FREITAS PRESTES FILHO!

"O FRANCO PALADINO" – Órgão de Divulgação do Espiritismo, codificado pelo Mestre Allan Kardec.

Responsável: Prof. Erasto de Carvalho Prestes

Rua Visc. de Moraes, nº 159 (7º andar) – Bairro do Ingá – Niterói/RJ – CEP = 24.210-145

☎ (0 XX 21) 2719-8022

E-mail: erastoprestes@urbi.com.br

Assistente: Erasto Magno L. Prestes